



A CONSOLIDAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO

Erika Carvalho

O FIM DA REPÚBLICA E O GOVERNO IMPERIAL

- Otávio ampliou seus poderes e, com o apoio do Senado, tornou-se o primeiro imperador romano, em 27 a.C. Após a nomeação, Otávio passou a se chamar **César Augusto**, em homenagem a seu pai adotivo Júlio César, assassinado em 44 a.C. em uma conspiração política.
- César Augusto governou durante 40 anos com grande habilidade política. Boa parte das instituições republicanas foram mantidas, apesar de o imperador concentrar o poder. Ele era o chefe máximo de todas as instituições: *Princeps Senatus*, ou Primeiro Senador, com o qual presidia o Senado; *Imperator*, ou Comandante-chefe do Exército; Tribuno da Plebe, que lhe dava o direito de falar em nome do povo nas reuniões do Senado; Pontífice Máximo, que lhe concedia a chefia da religião oficial, Procônsul, que lhe dava autoridade sobre as províncias (territórios conquistados pelos romanos) e, o mais importante de todos, o de Augusto, ou "o magnífico". Esse título significava que o poder de César se assemelhava ao dos deuses, sendo incontestável e vitalício. Também cabia apenas ao imperador escolher seu sucessor.



A PAX ROMANA

- Uma das razões que explicam a volta de um único líder em Roma, após os séculos na forma de governo de República, é a instabilidade política que marcou a história romana. Em um cenário de revoltas e com um Senado desacreditado, os romanos não impuseram resistência às pretensões de poder de Júlio César e nem às de seu filho adotivo, César Augusto.
- Durante seu governo, César Augusto teve uma grande vitória militar, que foi a conquista e a anexação do Egito. A região era há muito tempo disputada pelos romanos, e as investidas militares remontavam ao tempo de Júlio César. O uso das riquezas egípcias (ouro e pedras preciosas) possibilitou a César Augusto financiar o Exército, deixando-o ainda mais poderoso e submetido ao seu comando. Além do apoio armado, César Augusto conseguiu grande apoio popular ao utilizar o trigo produzido no Egito para alimentar a grande massa da população que passava fome em Roma.
- Outra estratégia de César Augusto, para garantir a longevidade de seu governo, foi visitar os territórios anexados, em vez de governá-los a distância, permanecendo em Roma. Ao deslocar-se para as províncias distantes, o imperador era visto por todos (desde os membros do exército até os povos conquistados), reforçando sua autoridade.
- As atividades comerciais também foram ampliadas devido à unificação da moeda. Isso permitiu que os diferentes povos que integravam o Império negociassem e facilitou o enriquecimento das elites.
- A estabilidade do governo de César Augusto inaugurou um período conhecido como **Pax romana** (paz romana), pela relativa paz interna que perdurou até a morte do imperador Marco Aurélio, em 180 d.C. Apesar da continuidade dada às guerras de conquista, nesse período, o objetivo era proteger as fronteiras do Império Romano.



O APOGEU DAS CIDADES ROMANAS

- Durante o século II d.C. a sociedade romana conquistou o ápice de seu desenvolvimento. As extensões do Império eram colossais.
- A ampliação dos territórios gerou um aumento na arrecadação de tributos e isso possibilitou a Roma modernizar-se completamente. O fórum, considerado o centro da vida pública da cidade, foi remodelado e os principais edifícios públicos foram embelezados. Praças e novos templos foram erguidos, evidenciando a riqueza de Roma; aquedutos irrigavam regiões distantes dos rios, possibilitando o aumento da atividade agrícola e o abastecimento das cidades.
- As atividades de lazer também ganhavam espaços públicos como as termas, que eram casas de banho coletivas, e as arenas – neste caso, o Coliseu, na atual Itália, é um dos exemplos mais famosos.
- A arquitetura, porém, não apenas embelezava Roma ou facilitava a vida urbana dos romanos, ela era utilizada como propaganda dos governantes, já que alteravam de modo permanente as paisagens. Por esse motivo, as grandes obras públicas foram muito utilizadas pelos imperadores para enaltecer suas glórias, principalmente as conquistas militares.
- Cada construção pública tornava-se um registro dos feitos do governante, dos generais e dos soldados. Entre os principais monumentos erguidos no período imperial destacam-se o Ara Pacis, os arcos do triunfo, as colunas honoríficas e as estátuas dos imperadores.



ARCOS E COLUNAS DO TRIUNFO

- Os arcos do triunfo começaram a ser construídos ainda no período republicano, mas desde a chegada dos imperadores ao poder instituiu-se que apenas eles podiam ser homenageados com esse monumento arquitetônico. No século IV d.C., havia 36 arcos do triunfo em Roma, dos quais restaram apenas três: o Arco de Tito (ano 81 d.C.), o Arco de Sétimo Severo (203-205) e o Arco de Constantino (312), o maior de todos.
- Assim como os arcos, as colunas triunfais ou de honra também celebravam as vitórias militares em uma batalha ou guerra. Algumas sobreviveram e atualmente podem ser visitadas em Roma, capital da Itália, como a Coluna de Trajano, com cerca de 38 metros de altura e mais de duas mil personagens esculpidas em relevo.



Arco de Constantino



Arco de Tito



Coluna de Trajano

AS ARENAS E OS JOGOS

- Os principais divertimentos das cidades romanas eram o circo, as corridas de quadrigas (carros puxados por 4 cavalos) e as lutas de gladiadores (escravos capturados). Esses eventos ocorriam em espaços públicos que lembram os estádios esportivos contemporâneos e faziam parte da chamada política de pão e circo.
- A luta era uma paixão coletiva, motivando desde patrícios até plebeus. Os gladiadores podiam lutar contra animais ferozes ou entre si. Quando um dos gladiadores era encurralado por outro, cabia ao público decidir o destino dele. Se ele tivesse lutado com garra e bravura, a plateia levantava o polegar, o que lhe poupava a vida. Se a luta tivesse sido fácil ou se um dos gladiadores não opusesse resistência, os espectadores apontavam o dedo polegar para baixo, condenando o lutador à morte. Aniquilado o perdedor, escravos entravam na arena para recolher o cadáver e limpar o espaço.



OS VESTÍGIOS DE POMPEIA E HERCULANO

- Uma das principais fontes materiais sobre o cotidiano nas cidades romanas são os vestígios das cidades de Pompeia e de Herculano, na atual Itália. Ambas foram destruídas no ano de 79 d.C. por uma grande erupção do vulcão Vesúvio.
- Muitos pensadores romanos da época descreveram a tragédia dessas cidades, e um dos principais relatos é o de Plínio, o Jovem, que acompanhou a erupção do Vesúvio a distância, já que estava na cidade de Miseno, do outro lado do golfo de Nápoles.
- As cidades foram recobertas por lava e uma espessa camada de cinzas e permaneceram ocultas até 1599, quando alguns vestígios, como pinturas romanas, foram encontrados durante escavações para a construção de um canal de água subterrâneo.
- Somente no século XVIII é que as ruínas das duas cidades começaram a ser exploradas. Nelas, foram encontradas pinturas e construções intactas, o que permitiu desvendar o modo como as construções romanas eram organizadas nas cidades.



O CRISTIANISMO E A ORIGEM DA IGREJA

- O território habitado pelos hebreus – mais tarde conhecidos como judeus –, na costa oriental do Mediterrâneo, também foi conquistado pelos romanos e incorporado ao Império.
- Segundo a Bíblia, naquela região, por volta do ano 30, um profeta chamado Jesus começou a fazer pregações acerca da existência de um deus único e de valores, como compaixão, respeito e amor ao próximo. Essas pregações desagradaram as autoridades judaicas e as romanas. Sentindo-se ameaçadas, as autoridades judaicas pediram ajuda aos governantes romanos para condenar aquele que consideravam um rebelde e alegava ser o enviado de Deus. Com isso, Jesus foi julgado pelo administrador romano, Pôncio Pilatos, e foi executado.
- De acordo com os relatos bíblicos, após a morte e a ressurreição, Jesus passou a ser chamado de Cristo (messias, em grego). Foi com base nessa crença que surgiu uma nova religião: o cristianismo. Os primeiros cristãos, seguidores de Jesus, não aceitavam a religião romana e começaram a difundir seus ensinamentos. Mais tarde, formaram uma comunidade a qual chamaram de igreja (do latim *ecclesia*). Seu primeiro chefe foi Pedro, um dos doze apóstolos (discípulos) que acompanharam Jesus em sua jornada na Palestina. Contudo, os romanos não podiam tolerar que os cristãos se negassem a cultuar o imperador e não reconhecessem muitas de suas leis. Dessa forma, começaram a perseguir os cristãos e a puni-los com crueldade.





O CRISTIANISMO PRIMITIVO

- Os apóstolos de Jesus difundiam seus ensinamentos pelos lugares que visitavam. Alguns deles chegaram a escrever sobre a vida e o pensamento de Jesus em livros chamados Evangelhos (palavra de origem grega que significa boa-nova). A pregação dos seguidores de Cristo atraía, em especial, os pobres e os escravos, para quem era reconfortante a perspectiva de desfrutar de uma vida eterna no paraíso celeste.
- À medida que o cristianismo se propagava, as autoridades romanas mostravam-se cada vez menos tolerantes. A rejeição dos seguidores de Cristo à escravidão e a recusa em aceitar a divindade do imperador eram atitudes vistas como desobediência a Roma. De tempos em tempos, os cristãos despertavam ondas de repressão do Estado romano. Essas perseguições se intensificaram principalmente entre os séculos II e III.

AS GRANDES PERSEGUIÇÕES

- Com medo da repressão, os cristãos passaram a praticar seus rituais em segredo. Para isso, encontravam-se no interior das catacumbas, onde, além dos ritos funerários e da comemoração do aniversário dos mártires (os que morreram por não negar a fé cristã), realizavam seus cultos.
- Contudo, as cerimônias subterrâneas levantaram ainda mais suspeitas. Como consequência, em época de crise política, os governantes apontavam os cristãos como responsáveis pelos problemas que ocorriam no Império, ordenando perseguições em massa e punições públicas. Os cristãos condenados eram ridicularizados e poderiam ser decapitados, crucificados, queimados vivos, devorados por animais ferozes, açoitados ou obrigados a sentar-se em cadeiras de ferro quente.
- A primeira grande perseguição aconteceu durante o governo do imperador Nero, em 64 d.C., e a última – e mais violenta – deu-se em 305 d. C., sob o governo do imperador Diocleciano.



ROMA SE TORNA CRISTÃ

- O martírio dos cristãos não desestimulou as novas conversões. Ao contrário, impressionados com a fé daqueles que se mantinham firmes em suas crenças, mesmo diante das piores torturas, o número de adeptos ao cristianismo aumentou.
- O cristianismo só pôde ser praticado livremente após o imperador Constantino (272 d.C.-337 d.C.) se converter à religião cristã e instituir, em 313 d.C., a liberdade de culto no Império com o **Édito de Milão**. Ele também proibiu o trabalho aos domingos – para os cristãos, o domingo é considerado um dia sagrado.
- Com essas mudanças, a conversão ao cristianismo no Império se acelerou e, logo, as primeiras restrições à antiga religião romana foram impostas. Em 353, o imperador Constante II, filho de Constantino, determinou o fechamento dos templos pagãos e o fim dos sacrifícios aos deuses.
- Em 391, o imperador Teodósio aboliu os cultos aos antigos deuses romanos, e o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império. A partir de então, os cristãos começaram a perseguir os pagãos com a mesma violência com que foram perseguidos em Roma, no início da era cristã.



EDITO D
MILÃO
A RELIGIÃO NO
ESPAÇO PÚBLICO

AS MULHERES NA ROMA CRISTÃ

- Em Roma, as mulheres não exerciam cargos públicos porque não eram consideradas cidadãs. Para os antigos romanos, a função social da mulher era procriar. Com a oficialização do cristianismo em Roma, a situação não se alterou: esperava-se que as mulheres fossem obedientes e submissas ao homem, como forma de alcançar a salvação e o perdão de seus pecados.

Max Rossi/Reuters/Latisntock



↑ Afresco retratado na catacumba de Priscila, em Roma. Ela foi usada como túmulo de cristãos entre os séculos II e IV. Acredita-se que essa catacumba tenha recebido esse nome em homenagem à esposa do cônsul Acílio, que, depois de converter-se ao cristianismo, foi executado por ordens do imperador Domiciano. Foto de 2013.

**FIQUE
DE
OLHO**



IMPÉRIO ROMANO

(27 a.C - 476 d.C)

ASCENSÃO DE OTÁVIO AUGUSTO

- Modernização de Roma
- Pax Romana

CRISTIANISMO

- 2ª grande religião monoteísta
- Perseguições aos cristãos
- Constantino (313 d.C): Liberdade de culto aos cristãos
- Édito de Milão: cristianismo como religião oficial
- Cisma do Oriente: divisão da Igreja

Igreja Católica Apostólica Romana

Igreja Ortodoxa

CRISE E QUEDA DE ROMA

Tentativa de solucionar a crise:

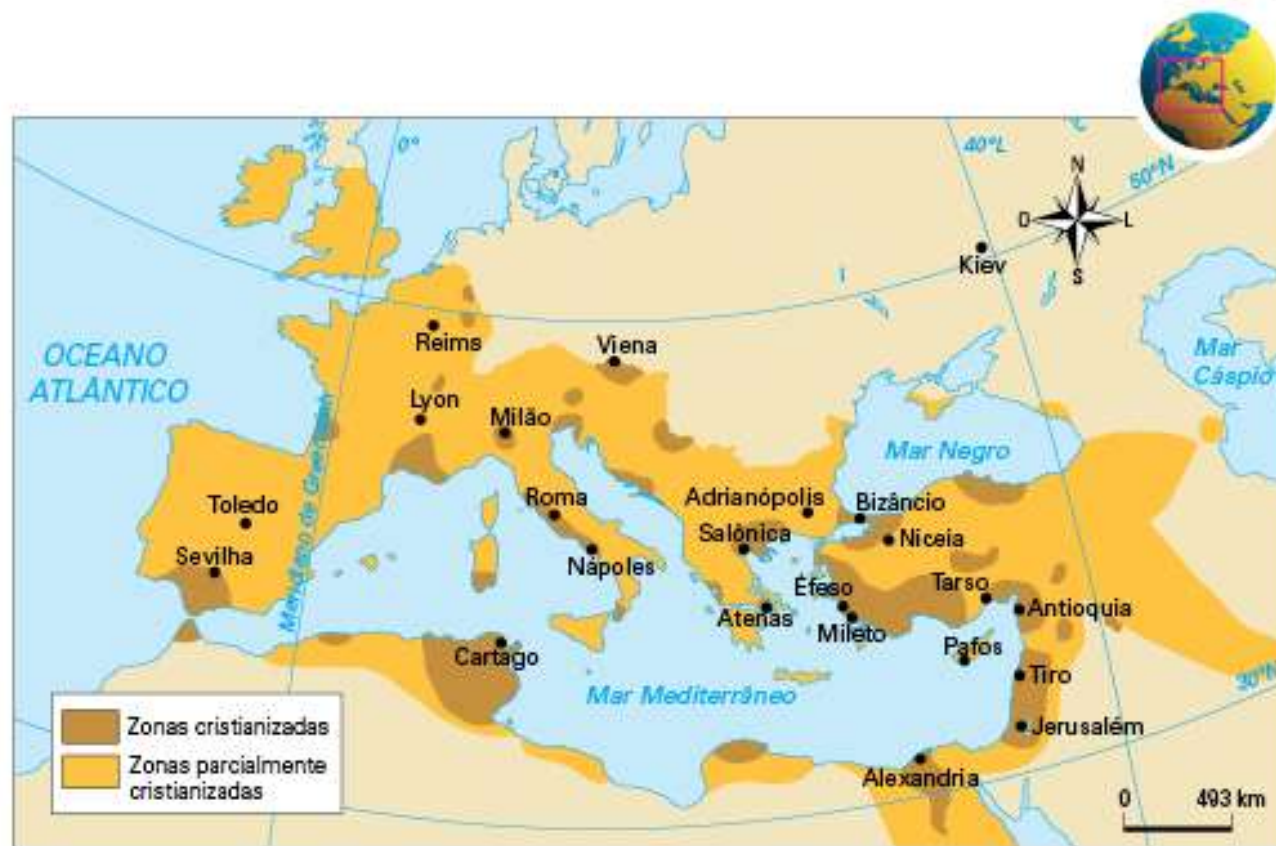
- Transferência da Capital p/ Bizâncio
- Divisão do Império Romano
 - Império Romano do Ocidente (c. Roma)
 - Império Romano do Oriente (c. Constantinopla)

Queda de Roma

- Dificuldade de proteger as fronteiras
- Invasões de povos bárbaros
 - processo de ruralização

■ A expansão do cristianismo (século IV)

ID/BR



Fonte de pesquisa: Geoffrey Parker. *Atlas Verbo de História universal*.
Lisboa-São Paulo: Verbo, 1997. p. 40.

O Império Romano (século II)

ID/BR



Fonte de pesquisa: Georges Duby. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006. p. 27.

VIAS ROMANAS

Nas zonas fronteiriças, os exércitos romanos estabeleceram acampamentos permanentes. E, para garantir a chegada das tropas até as regiões mais distantes do Império, os romanos construíram milhares de quilômetros de estradas, as **vias romanas**.

As estradas abertas interligavam todo o Império. A pavimentação delas era um trabalho árduo, realizado por escravos ou, em períodos de paz, por soldados. As estradas tinham uma ligeira inclinação para escoar a água da chuva até os pequenos canais laterais, o que evitava a formação de poças de água.

Links:

<https://youtu.be/TNA3AonIkig> -
Sou César - 04 - Adriano, um
grande administrador.

https://youtu.be/KRg7_Qxwakk -
Construindo um Império: Roma
(History Channel)

<https://youtu.be/fKfDkmAXr60> -
Grandes Civilizações - O Império
Romano - Parte 2